

S13H
Hp 126-420

Fernando Pedreira

CONTAM os veteranos do falecido **Diário Carioca** que J. E. de Macedo Soares, talvez o mais brilhante dos articulistas que já teve a imprensa brasileira, gostava de escrever a mão, com uma letra desmesuradamente graúda, em pequenas folhas de bloco que ele ia enchendo uma depois da outra. Seus artigos eram, em regra, curtos (e grossos), mas os seus originais cobriam laudas e laudas, numa ortografia nem sempre muito católica. J. E. ia escrevendo as palavras à sua maneira, sem se preocupar com as regras ou convenções estabelecidas pelos gramáticos.

Do seu contemporâneo inglês Bertrand Russell não se pode dizer que tenha sido propriamente um jornalista. Russell, grande matemático, filósofo, ensaísta e escritor, foi provavelmente a melhor cabeça do século. Dono de uma inteligência superiormente lúcida, agressiva e irreverente, ele escrevia num inglês simples, conciso, claro e freqüentemente ferino. Em suma, escrevia não como um *scholar* ou um professor, mas como um bom jornalista que quer ser lido e entendido (embora, muitas vezes, não o consiga). Escrevia como o Erasmo de **O Elogio da Loucura**, como Voltaire, e até como o Nietzsche da **Origem da Tragédia**.

A clareza, a graça e a simplicidade do texto nem sempre são sinônimos de superficialidade e desimportância. Mas, o que me fez pensar em Bertrand Russell (ao lado de grandes jornalistas brasileiros como J. E. ou o mestre Eugênio Gudin, que nos deixou ainda há tão pouco tempo) foi uma observação que ele costumava fazer a respeito do ensino de inglês na Inglaterra. Russell indignava-se com a insistência das escolas em meterem na cabeça das crianças regras e mais regras de gramática e ortografia.

O que é importante — achava ele — não é soletrar direito. O que é importante é saber **pronunciar** corretamente as palavras. A língua, mesmo a língua escrita, é som, é música: é uma questão de ouvido, de ritmo. Quem não aprendeu a pronunciar corretamente as palavras, na verdade não sabe ler propriamente, e será incapaz de apreciar e de entender, digamos, um poema de Eliot ou de Paulo Mendes Campos, um texto de Rosa, de Callado ou de Drummond.

No Brasil, tivemos, sem dúvida, notáveis precursores (como Joaquim Nabuco) e o fato é que, nesse terreno, a imprensa e os escritores-jornalistas, como Manoel Antônio de Almeida, como Lima Barreto, como o próprio Machado, saíram longe na frente. Mas o país só ia livrar-se de vez da famosa "sintaxe lusiada" depois da revolução modernista de 1922. Depois, sobretudo, de Mário de Andrade, mestre e irmão mais velho de gerações inteiras, cuja influência pessoal e cuja obra (os poemas, as cartas, os contos, os ensaios críticos) valeriam mais do que tudo o que todos os seus companheiros de Semana fizeram, juntos ou separados.

"Mário de Andrade, intransigente pacifista, internacionalista amador, comunica aos seus amigos que, muito contra a vontade e apesar da simpatia dele por todos os homens da terra...". Descontados os meios universitários e acadêmicos, pode-se dizer que o Bra-

sil, a partir da explosão modernista, foi aprendendo a escrever com simplicidade e clareza e, o que é talvez mais importante, foi aprendendo a **ouvir** a sua própria língua, aquela que é criada pela gente da terra, no cadinho da modernização, da urbanização (e da cosmopolitização) galopantes das quatro ou cinco últimas décadas. Que o modernismo e Mário de Andrade nos tenham vindo exatamente de S. Paulo, terra dos imigrantes, terra da influência italiana e européia mais forte e mais direta, eis aí o que não será uma simples coincidência. Também na Argentina, a obra de um Cortázar, por exemplo, seria a primeira a dar consistência literária à língua dos imigrantes, isto é, à língua do povo de Buenos Aires, um espanhol tão italianizado que é, na verdade, nas mãos do escritor, uma criação nova, com um vigor e uma força próprios.

Não sei o que diria Bertrand Russell, se fosse ainda vivo e entendesse dessas nossas coisas latinas. O fato, entretanto, é que, ao menos no Brasil, estamos hoje vivendo uma experiência (lingüística) curiosa, que talvez não o desgostasse inteiramente. Temos, entre nós, cada vez mais crianças (em números absolutos) que não têm escola, e cada vez mais escolas que não ensinam virtualmente coisa nenhuma a seus alunos. Em compensação, vamos aprendendo compulsoriamente a pronunciar as palavras com os locutores da TV e do rádio, assim como aprendemos a nos comportar e a ver a vida com os atores das telenovelas. Nem ortografia, nem regras de gramática, nem nada.

Mas, o mal é que não temos também, nessa maciça educação das massas, nem sequer um magro Cortázar para remédio. A **língua geral** do audiovisual brasileiro é uma espécie de esperanto publicitário, culturalmente esquálido e vazio: não é nem a língua viva do povo (que vai desaparecendo, esmagada pelos cacoetes televisivos), nem muito mentos a sua transposição literária, a sua recriação e universalização pela força de um poeta ou escritor de gênio.

É certo que o audiovisual não está sozinho, e a língua escrita, de algum modo, permanece, sobrevive. Lembremo-nos do tempo em que, no velho **Correio da Manhã** de Paulo Bittencourt e Cos-

ta Rego, o próprio Graciliano Ramos (nada menos) revia ou reescrevia editoriais. Os grandes jornais brasileiros mantêm ainda hoje, de algum modo, essa tradição de reunir em suas salas de redação o que podem encontrar de melhor. Mas, os tempos mudaram. O sucesso, o prestígio, a força do número estão com a televisão, que nivela por baixo. Pior: que fabrica, com a sua cultura *ersatz*, uma língua artificial, um meio-termo que não é carne nem peixe, porque pretende atrair a todos, em todos os níveis e em todas as regiões do país.

Enfim, deixemos a televisão, que afinal é ainda uma adolescente em busca de caminhos novos... Certamente não será sua culpa se o Brasil pós-modernista tornou-se cada vez mais apressado e menos sério, também em termos de palavra escrita. Gilberto Freyre teve sorte de escrever tão cedo os seus grandes livros. Há tempos, num artigo publicado pelo suplemento cultural do **Estado de S. Paulo**, Francisco Iglesias exaltava a obra de Sérgio Buarque de Holanda, que morreu há cinco anos, pouco antes de fazer-se octogenário.

Sérgio, além de ser um extraordinário historiador, era um escritor brilhante, escoreito e um homem encantador, cheio de amigos. Mesmo assim, de sua obra numerosa, a grande maioria dos brasileiros alfabetizados só ouviu falar de **Raízes do Brasil**, publicado há quase 50 anos. Seus livros mais recentes, mesmo os mais importantes, são virtualmente ignorados. Diz Francisco Iglesias, falando de **O Pássaro e a Sombra (Do Império à República)**: "Curioso é que um livro de tal altitude, como se publica só a longos intervalos, não tenha recebido nenhuma atenção. Não saiu uma crítica, nem mesmo uma notícia de jornal" (...)

Vivemos tempos apressados. Neste próximo mês de fevereiro, enquanto se reúne a Assembléia Constituinte para eleger seu presidente e votar seu regimento interno, o autor destas mal traçadas linhas estará ausente do Brasil, viajando pela Ásia, e só voltará em março. Esperemos que, até lá, a casa (a República) continue de pé. Boa viagem, para os que ficam.

Jornal do Brasil